

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 1999

A dama do cachorrinho e outros contos © Boris Schnaiderman, 1999

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTES LIVROS É ILEGAL E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Edição conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Alexandre Barbosa de Souza

Cide Piquet

1ª Edição - 1999 (1 Reimpressão - 2001), 2ª Edição - 2005,

3ª Edição - 2006, 4ª Edição - 2011

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Tchekhov, A. P., 1860-1904

T251d A dama do cachorrinho e outros contos /

A. P. Tchekhov; organização, tradução, posfácio
e notas de Boris Schnaiderman — São Paulo:

Ed. 34, 1999.

368 p. (Coleção LESTE)

ISBN 978-85-7326-144-8

I. Literatura russa. I. Schnaiderman, Boris.

II. Título. III. Série.

CDD - 891.73

Um dia, quando ela era mais jovem, mais bonita e de voz mais sonora, estava sentado em sua casa de campo seu admirador, Nicolai Pietróvitch Kolpakóv. Fazia um calor sufocante, intolerável. Kolpakóv acabava de almoçar e havia bebido uma garrafa inteira de vinho do Porto ordinário, sentia-se de mau humor e adoentado. Aborreciam-se ambos e esperavam que passasse o calor, para ir passear.

De súbito, a campainha ressoou na saleta de entrada. Kolpakóv, que estava sem sobrecasaca e de chinelos, ergueu-se de um salto e dirigiu um olhar interrogador para Pacha.¹

— Deve ser o carteiro ou, talvez, uma amiga — disse a cantora.

Kolpakóv não se acanhava diante do carteiro, nem das amigas de Pacha. Em todo caso, apanhou a roupa e foi para o quarto ao lado, enquanto Pacha corria para abrir a porta. Para seu grande espanto, quem estava no umbral não era o carteiro, nem a amiga, mas uma mulher desconhecida, moça, bonita, vestida com distinção e, segundo as aparências, uma senhora direita.

A desconhecida estava pálida e respirava com dificuldade, como se tivesse percorrido uma escada íngreme.

— Que deseja? — perguntou Pacha.

A senhora não respondeu imediatamente. Deu um passo para frente, examinou devagar a sala e sentou-se, com ar de

¹ Diminutivo de Prascóvia.

quem não pudesse permanecer de pé, por cansaço ou doença. Depois, durante bastante tempo, ficou movendo os lábios pálidos, tentando dizer algo.

— Meu marido está em sua casa? — perguntou finalmente, erguendo em direção de Pacha seus grandes olhos de pálpebras vermelhas, com sinais de pranto.

— Que marido? — murmurou Pacha e, de repente, assustou-se, a ponto de lhe ficarem gelados os pés e as mãos.

— Que marido? — repetiu, começando a tremer.

— O meu marido... Nicolai Pietróvitch Kolpakóv.

— Nã...ão, minha senhora... Eu... eu... não conheço nenhum marido.

Decorreu um minuto de silêncio. A desconhecida passou várias vezes o lenço sobre os lábios pálidos e, para vencer o tremor íntimo, continha a respiração, enquanto Pacha permanecia imóvel, petrificada diante dela, olhando-a com assombro e temor.

— Então, a senhora diz que ele não está aqui? — perguntou a recém-chegada, já com voz firme e um sorriso estranho.

— Eu... eu não sei sobre quem está perguntando.

— Mulher má, infame, vil... — balbuciou a desconhecida, examinando Pacha com ódio e repugnância. — Sim, sim... é sórdida. Estou muito contente de poder, finalmente, dizer-lhe isto!

Pacha sentiu que estava causando àquela senhora de preto, com olhos zangados e dedos brancos e delgados, a impressão de algo sórdido, horrível, e teve então vergonha de suas faces vermelhas, rechonchudas, das pintas que tinha no nariz e da mecha de cabelo, que não conseguia deixar penteada para cima. Tinha a impressão de que, se ela fosse magrinha, não estivesse empoada e não tivesse aquela mecha de cabelo, seria possível esconder que não era mulher direita e não sentiria aquele terror e aquela vergonha, ao permanecer diante da senhora desconhecida e misteriosa.

— Onde está meu marido? — prosseguiu a senhora. —

Aliás, é indiferente para mim saber se está aqui ou não, mas eu devo dizer-lhe que foi descoberto um desfalque e que Nicolai Pietróvitch está sendo procurado... Querem prendê-lo. Eis o que a senhora fez!

Ergueu-se e deu alguns passos pela sala, muito perturbada. Pacha olhava para ela e nada compreendia, tamanho era seu pavor.

— Ele será encontrado e preso, hoje mesmo — disse a senhora e soluçou, percebendo-se, naquele som, um sentimento de ofensa e mágoa. — Eu sei quem o levou a este horror. Sórdida, infame! Repugnante, vendida criatura! (A senhora torceu os lábios e franziu o nariz com repugnância.) Eu não posso fazer nada... escute-me, baixa mulher!... Sou impotente, você é mais forte que eu, mas há quem me defenda e a meus filhos! Deus está vendo tudo! Ele é justo! Ele há de cobrar cada uma de minhas lágrimas e todas as minhas noites de insônia! Chegará o dia em que há de se lembrar de mim!

Fez-se novamente silêncio. A senhora caminhava pelo quarto, torcendo as mãos, e Pacha continuava a olhá-la com expressão embotada, perplexa, sem compreender coisa alguma, esperando dela algo terrível.

— Eu não sei de nada, minha senhora — disse e, de repente, prorrompeu em pranto.

— Mentel — gritou a senhora, fazendo fulgir, com rancor, os olhos em sua direção. — Sei de tudo! Há muito que a conheço! Sei que, neste último mês, ele vinha diariamente a sua casa!

— Sim. E daí? Recebo muitas visitas, mas não obrigo ninguém a vir a minha casa. Cada um é livre de fazer o que entende.

— Estou-lhe dizendo: foi descoberto um desfalque! Ele gastou fundos da repartição! Por causa de uma como você... por sua causa, ele se decidiu a um crime. Ouça-me — disse a senhora, com voz decidida, estacando diante de Pacha. — Você não pode ter princípios, vive unicamente para fazer o mal, esta é a finalidade de sua vida, mas não se pode pensar

que haja decaído a tal ponto, que não lhe tenha ficado sequer um vestígio de sentimento humano! Ele tem mulher, filhos... Se for condenado ao degredo, vou morrer de fome, juntamente com os filhos... Compreenda isso! No entanto, há um meio de salvá-lo, bem como a nós, da miséria e da vergonha. Se eu depositar hoje novecentos rublos, vão deixá-lo em paz. Apenas novecentos rublos!

— Que novecentos rublos? — perguntou Pacha, baixinho. — Eu... eu não sei... Não os tomei...

— Não lhe estou pedindo novecentos rublos... você não tem dinheiro e eu não preciso de nada do que é seu. Peça-lhe outra coisa. Geralmente, os homens presenteiam mulheres como você com objetos preciosos. Devolva-me apenas as joias que meu marido lhe deu!

— Minha senhora, ele nunca me presenteou com nada — exclamou Pacha, com voz esganiçada, começando a compreender tudo.

— Mas, onde está o dinheiro? Ele gastou o que era dele, o meu e ainda o alheio... Onde é que foi parar tudo aquilo? Escute-me, eu lhe peço! Eu estava indignada e disse-lhe muitas coisas desagradáveis, mas estou pedindo desculpas. Deve odiar-me, eu sei, mas, se é capaz de compaixão, coloque-se na minha situação! Imploro-lhe, devolva-me as joias!

— Hum... — disse Pacha, com um movimento de ombros. — Eu faria isto com prazer, mas, que Deus me castigue, ele nunca me deu nada. Acredite na minha consciência. Aliás, a senhora tem razão — a cantora ficou perturbada —, certa vez, ele me trouxe duas coisinhas. Se quiser, pois não, vou lhe devolver...

Puxou uma das gavetinhas do toucador e tirou de lá uma pulseira oca de ouro e um anelzinho miúdo, com rubi.

— Aqui estão! — disse, entregando os objetos à visitante.

A senhora ficou vermelha e seu rosto começou a tremer. Estava ofendida.

— O que é que me está dando? — disse. — Não lhe peço

esmola, mas aquilo que não lhe pertence... aquilo que você, aproveitando-se de sua situação, extorquiou de meu marido... este homem fraco, infeliz... Quinta-feira, quando eu a vi no cais, em companhia de meu marido, você estava usando broches e braceletes caros. Não precisa representar para mim o papel do cordeirinho inocente! Pergunto-lhe pela última vez: vai me entregar as joias ou não?

— Palavra, que a senhora é muito estranha... — disse Pacha, começando a ficar ofendida. — Asseguro-lhe que o seu Nicolai Pietróvitch não me deu nada, além desse bracelete e desse anelzinho. Trazia-me apenas docinhos.

— Docinhos... — sorriu com amargura a desconhecida. — Em casa, as crianças não têm o que comer e aqui há docinhos. Decididamente, você se recusa a devolver-me as joias?

Não recebendo resposta, a senhora sentou-se e, pensando em algo, fixou os olhos num ponto.

— Que fazer agora? — disse. — Se eu não arranjar os novecientos rublos, ele estará perdido, e também eu com as crianças. Matar esta mulher infame ou ajoelhar-me diante dela?

A senhora apertou um lenço contra o rosto e rompeu em pranto.

— Eu lhe peço! — ouvia-se, através de seus soluços. — Você arruinou e desgraçou meu marido, salve-o agora... Não tem por ele compaixão, mas as crianças... as crianças... De que é que elas são culpadas?

Pacha imaginou criancinhas chorando de fome na rua, e pôs-se a chorar também.

— Mas, que posso fazer, minha senhora? A senhora diz que eu sou uma mulher infame e que arruinei Nicolai Pietróvitch, mas estou-lhe falando como se estivesse diante do próprio Deus... asseguro-lhe que não tirei dele nenhum proveito... Em nosso coro, somente a Mótia² tem amante rico, as outras todas passam miséria. Nicolai Pietróvitch é um senhor

² No caso, diminutivo de Matriona.

delicado e instruído, por isso eu o recebia. Nós não podemos deixar de receber as pessoas.

— Estou lhe pedindo as joias! Dê-me as joias! Estou chorando... me rebaixando... Vou me ajoelhar, olhe!

Pacha deixou escapar uma exclamação de susto e agitou os braços. Sentia que aquela senhora pálida, bonita, que se expressava nobremente, como num teatro, era realmente capaz de se ajoelhar diante dela e faria isto por orgulho, por dignidade, para se elevar e rebaixar a corista.

— Está bem, vou entregar os objetos à senhora — apressou-se a dizer Pacha, enxugando os olhos. — Aqui estão. Mas eles não são de Nicolai Pietróvitch... Recebi-os de outros visitantes. Como queira...

Pacha abriu a gaveta superior da cômoda e tirou dali um brochinho de diamantes, uma fieira de coral, alguns anéis e braceletes, e entregou tudo à senhora.

— Tome-o, se quiser, mas saiba que não tirei qualquer proveito de seu marido. Tome, fique rica! — prosseguiu Pacha, ofendida com aquela ameaça de se ajoelhar. — Mas, já que a senhora é nobre... uma esposa legítima, devia mantê-lo perto de si! Não o chamei a minha casa, ele veio sozinho...

A senhora examinou, através das lágrimas, os objetos oferecidos e disse:

— Não é tudo... Isso não dá nem quinhentos rublos.

Pacha atirou com um gesto abrupto, para fora da cômoda, ainda um relógio de ouro, uma cigarreira, um par de abotoaduras e disse, abrindo os braços:

— Não me resta mais nada... nem que me reviste!

A visitante emitiu um suspiro, embrulhou os objetos num lenço, com mãos trêmulas, e saiu, sem dizer palavra, sem fazer ao menos um gesto com a cabeça.

Abriu-se a porta do quarto ao lado e apareceu Kolpakóv. Estava pálido e sacudia nervosamente a cabeça, como se acabasse de beber algo muito amargo. Lágrimas brilhavam-lhe nos olhos.

— Que objetos o senhor me trouxe? — voltou-se contra ele Pacha. — Quando foi? Permita que eu lhe pergunte.

— Os objetos... que tolice! — exclamou Kolpakóv e sacudiu a cabeça. — Meu Deus! Ela chorou, rebaixou-se diante de ti...

— Estou lhe perguntando: que objetos o senhor me trouxe? — gritou Pacha.

— Meu Deus, ela é tão digna, orgulhosa, pura... quis até ajoelhar-se diante... diante dessa rapariga! E fui eu que a levei a esse ponto! Eu tolerarei isto.

Levou as mãos à cabeça e disse, gemendo:

— Não, nunca hei de perdoá-lo a mim mesmo! Jamais! Vai embora... imunda! — gritou com repugnância, procurando recuar para longe de Pacha e afastando-a de si com mãos trêmulas. — Ela quis ajoelhar-se e... diante de quem? Diante de ti! Oh, meu Deus!

Vestiu-se apressadamente, dirigiu-se para a porta, procurando sempre manter-se afastado de Pacha, com expressão de repugnância, e saiu.

Pacha deitou-se e pôs-se a chorar alto. Agora, tinha pena de haver entreguc, com a precipitação, aqueles objetos e sentia-se ofendida. Lembrou-se de como, três anos atrás, um comerciante a havia espancado, sem razão alguma, e chorou ainda mais alto.

(1886)